

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 03/03/2017 a 09/03/2017

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
03/03/2017	10,27	328,80	34,13	4,33	3,74
06/03/2017	10,26	329,20	34,02	4,38	3,72
07/03/2017	10,14	326,90	33,47	4,36	3,69
08/03/2017	10,11	326,50	33,29	4,27	3,65
09/03/2017	10,00	324,10	32,87	4,26	3,59
Média	10,16	327,10	33,56	4,32	3,68

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais* (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	70,15	1,30
RS - Santa Rosa	69,15	0,95
RS – Ijuí	69,15	0,95
PR – Cascavel	66,20	2,12
MT – Rondonópolis	62,70	-1,07
MS - Ponta Porá	60,30	0,29
GO - Rio Verde (CIF)	60,25	-1,13
BA - Barreiras (CIF)	66,50	1,14
MILHO		
Argentina (FOB)**	186,40	1,44
Paraguai (FOB)**	115,00	-2,13
Paraguai (CIF)**	159,70	-0,19
RS – Erechim	28,00	-4,27
SC – Chapecó	29,50	-0,84
PR – Cascavel	29,65	-2,79
PR – Maringá	29,40	-1,18
MT – Rondonópolis	27,30	-2,50
MS – Dourados	27,70	-1,07
SP – Mogiana	34,75	0,00
SP – Campinas (CIF)	37,40	0,40
GO – Goiânia	33,50	-1,47
MG – Uberlândia	33,50	-2,90
TRIGO		
RS – Carazinho	530,00	0,00
RS – Santa Rosa	540,00	0,00
PR – Maringá	640,00	0,00
PR – Cascavel	610,00	0,00

*Período entre 03/03/2017 a 09/03/17

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras
& Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por
tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 09/03/2017**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	25,25	64,24	28,44

Fonte: CEEMA, com base em informações da
EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
09/03/2017**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	46,24
Feijão (saco 60 Kg)	182,75
Sorgo (saco 60 Kg)	25,05
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,53
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,11
Boi gordo (Kg vivo)*	5,04

(*) compreende preços para pagamento em
10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da
EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago voltaram a ceder nesta semana. O fechamento da quinta-feira (09) ficou em US\$ 10,00/bushel para o primeiro mês cotado, após US\$ 10,26 uma semana antes.

O mercado trabalhou na expectativa do relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado neste dia 09/03. O mesmo indicou os seguintes números:

- 1) A única modificação foi nos estoques finais dos EUA para 2016/17, os quais foram aumentados para 11,8 milhões de toneladas;
- 2) Os preços médios aos produtores dos EUA, neste ano de 2016/17, ficam em um patamar entre US\$ 9,30 e US\$ 9,90/bushel;
- 3) Em termos de mercado mundial, a produção global de soja foi aumentada para 340,79 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais ficam, agora, estimados em 82,8 milhões de toneladas;
- 4) A produção brasileira e argentina fica, respectivamente, em 108 e 55,5 milhões de toneladas (no caso do Brasil um aumento de 4 milhões);
- 5) As importações chinesas foram acrescidas de um milhão de toneladas, agora para 87 milhões.

Ao mesmo tempo, o setor especulativo financeiro acabou vendendo bastante contratos, fato que deu lugar aos fundamentos do mercado pesarem sobre as cotações. E estes fundamentos são baixistas há bastante tempo. Por outro lado, as margens de esmagamento continuam recuando na China, alcançando o menor nível dos últimos oito meses, após terem atingindo os melhores níveis em dois anos no mês de dezembro passado. Com isso, a China vive um recuo na demanda por farelo de soja, embora as importações do grão continuem normais.

Paralelamente, a colheita avança na América do Sul e o mais recente volume projetado chega a 176 milhões de toneladas, reforçando o recorde histórico esperado.

A partir de agora, além do clima sul-americano, o mercado passa a aguardar o relatório de intenção de plantio nos EUA, previsto para o dia 31/03. O mesmo, por enquanto, é esperado com um significativo aumento na área a ser semeada com soja naquele país.

No Brasil, o câmbio melhorou um pouco para o produtor e exportador de soja, com o Real passando à casa de R\$ 3,16 em alguns momentos da semana. Mesmo assim, os preços médios da soja pouco evoluíram. O balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 64,24/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 68,00 e R\$ 69,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 55,00/saco em Nova Xavantina (MT) e R\$ 63,50/saco no Piauí e Tocantins, passando por R\$ 66,00/saco no oeste e norte do Paraná.

Tudo isso em um quadro de exportações brasileiras sustentadas. O mercado estima que o país possa exportar 9,8 milhões de toneladas de grãos de soja em março.

A comercialização da nova safra continua lenta, com apenas 42% do total esperado já vendido no Brasil, até 06/03, contra 51% na média histórica e 56% no ano passado na mesma época. No Rio Grande do Sul 24% havia sido negociado, contra 40% no ano

anterior e 32% na média histórica. No Mato Grosso, as vendas chegam a 58%, contra 65% no ano anterior e 63% na média. No Paraná, os produtores haviam negociado 28% da safra esperada, contra 50% no ano passado e 37% na média histórica. Em Santa Catarina, as vendas atingiam a 17%, contra 42% no ano passado e 31% na média (Safras & Mercado).

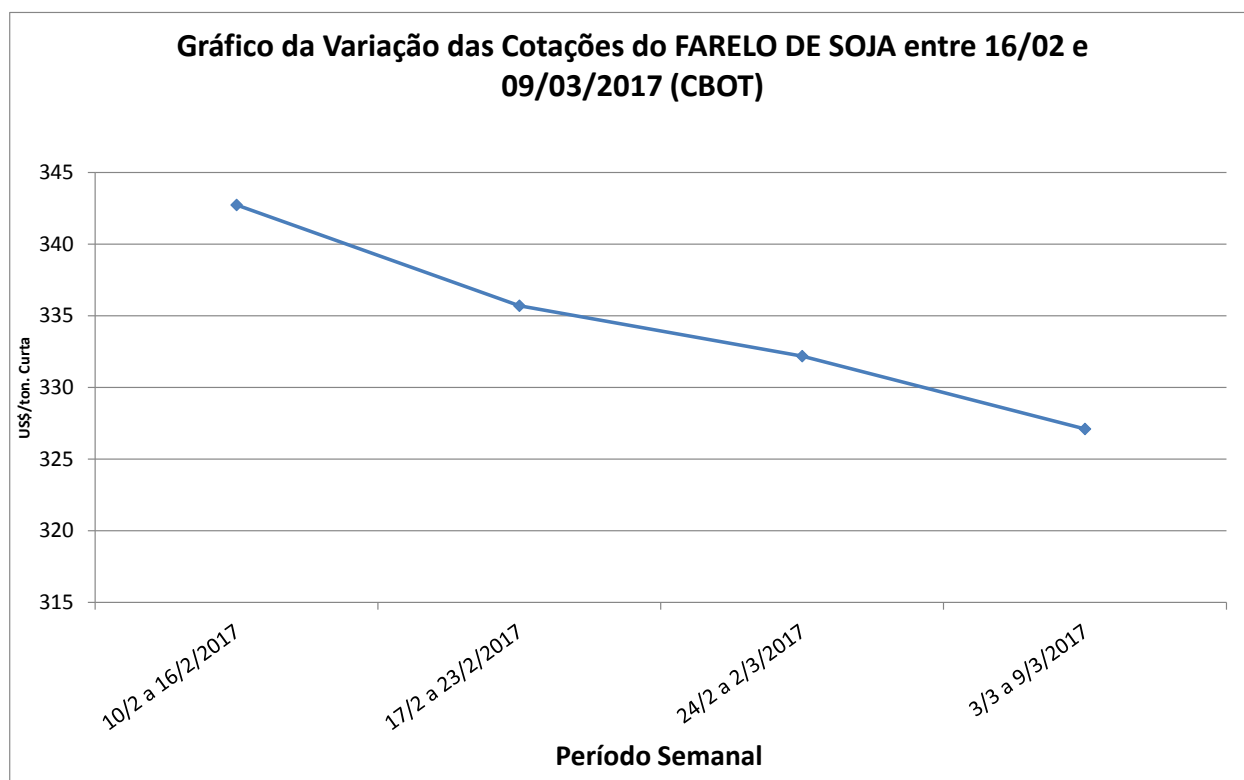
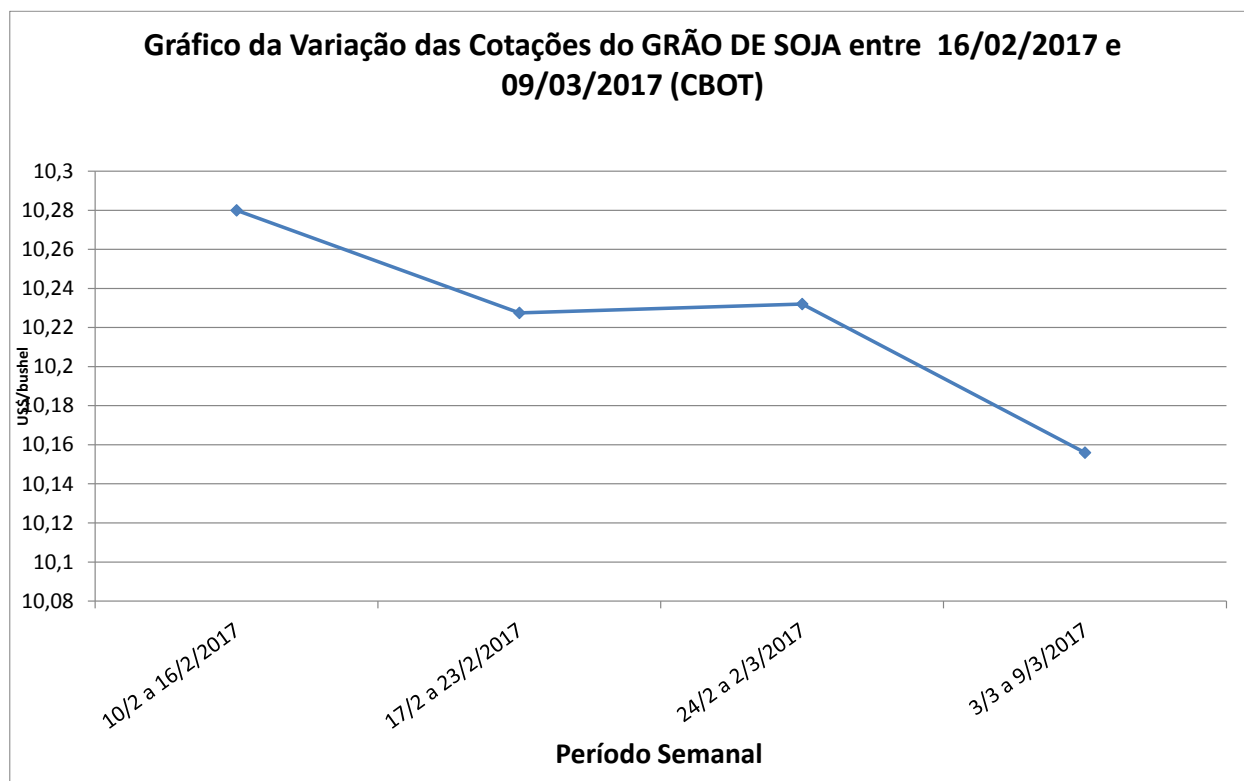
Enfim, até o dia 03/03 a colheita chegava a 47% da área total no Brasil, contra 34% na média histórica, sendo 4% no Rio Grande do Sul (1% na média); 47% no Paraná (40%); 78% no Mato Grosso (58%); 67% no Mato Grosso do Sul (47%); 75% em Goiás (49%); 45% em São Paulo (35%); 38% em Minas Gerais (21%); 3% na Bahia (6%); e 10% em Santa Catarina (6%) (Safras & Mercado).

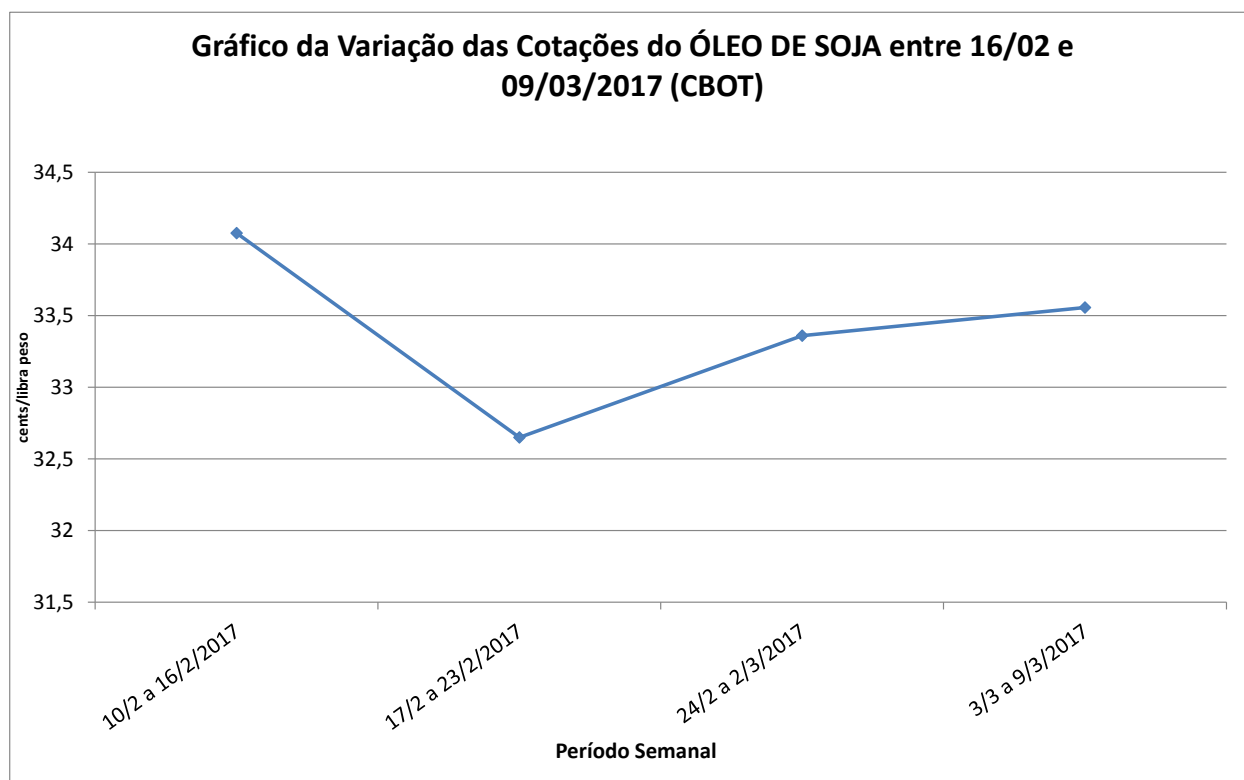
Infelizmente, mais uma vez, a falta de logística adequada está tirando receita do setor produtivo nacional. Nesse momento, as perdas mais gritantes ficam por conta do transporte na medida em que, ao norte do país, as chuvas deixam as estradas de terra intransitáveis, atolando os caminhões e causando perdas substanciais. No Centro-Oeste igualmente o problema se faz sentir em muitas localidades. Nestas condições, a safra cheia parte em fumaça quando o volume físico passa a ser contabilizado em valores líquidos.

Nesse contexto, nossos cálculos demonstram que o resultado econômico da soja, na maioria das regiões do país, será bem menor do que a colheita física deixa transparecer. No Rio Grande do Sul, por exemplo, e com as estatísticas existentes até o início de março, a colheita deverá ficar ao redor de 16,5 milhões de toneladas, porém, com uma produtividade média esperada, por enquanto, idêntica (3.020 quilos/hectare) à do ano anterior. Assim, pelo lado físico a safra é excelente. Porém, pelo lado econômico o quadro médio é pior. Se é verdade que Chicago trabalha com cotações bem melhores na atualidade (os primeiros 62 dias do ano registram a média de US\$ 10,28/bushel neste ano, contra US\$ 8,62 no mesmo período de 2016), também é verdade que o Real se valorizou muito no período. Nossa moeda, considerando o período dos primeiros 62 dias do ano, passou da média de R\$ 4,01 em 2016, para apenas R\$ 3,15 em 2017. Resultado: o preço médio da soja no balcão gaúcho, que no ano passado foi de R\$ 72,94/saco no período considerado, em 2017 é de R\$ 66,40/saco. Isso representa um recuo nominal de 9%. Considerando a inflação oficial dos últimos 12 meses, a perda real no preço da soja sobe para quase 15% neste ano. Enfim, segundo dados da Embrapa e da Farsul, o custo de produção operacional médio subiu de R\$ 48,23/saco no ano passado, para R\$ 54,00 na atual safra. Isso significa que o custo operacional médio por hectare chega a R\$ 2.718,00 neste ano, contra R\$ 2.428,00 no ano passado. Um aumento de 12%! Dito de outra forma, diante dos preços médios de balcão praticados, a receita líquida média operacional dos produtores gaúchos de soja recua, neste ano, em torno de 50% (passa de R\$ 1.243,07/ha em 2016, para R\$ 623,91/ha em 2017). É claro que os produtores que obtiverem uma produtividade maior, em relação à média projetada, terão melhores resultados. Ou, se a média final deste ano for maior, o resultado final melhorará. Mesmo assim o resultado econômico final tende a ser menor neste ano. Por sua vez, aqueles produtores que venderam antecipadamente parte de sua safra, a preços superiores até o momento, também melhoram seu resultado líquido final. Mas, neste ano, até o início de março, apenas 24% da safra havia sido negociada antecipadamente no estado, enquanto na mesma época do ano passado o percentual era de 40% (cf. Safras & Mercado). Assim, um número significativo de produtores

gaúchos de soja está ameaçado de obter um resultado econômico bem abaixo do obtido em 2016.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 16/02/2017 a 09/03/2017.





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago recuaram durante a semana, fechando a quinta-feira (09) em US\$ 3,59/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 3,72 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado neste dia 09/03, pouco trouxe de novidades mais uma vez. Os principais pontos do mesmo foram:

- 1) Nada mudou, em relação a fevereiro, nas estimativas de produção passada e estoques finais nos EUA, assim como no que diz respeito ao patamar de preços para os produtores locais neste ano 2016/17;
- 2) A produção mundial foi elevada para 1,049 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais crescem para 220,68 milhões de toneladas;
- 3) A produção da Argentina foi aumentada em um milhão de toneladas, para 37,5 milhões, enquanto a do Brasil aumentou em cinco milhões de toneladas, passando, agora, para 91,5 milhões;
- 4) As exportações brasileiras estão projetadas em 31 milhões de toneladas para 2016/17.

Por sua vez, as vendas líquidas estadunidenses de milho, para 2016/17, ano iniciado em 1º de setembro passado, somaram 692.400 toneladas na semana encerrada em 23/02. O volume ficou 24% abaixo da média das quatro semanas anteriores. Para 2017/18 o volume ficou em 20.600 toneladas. Na soma dos dois anos comerciais o mercado esperava um volume entre 750.000 e 1,25 milhão de toneladas, o que não foi alcançado.

Ao mesmo tempo, as primeiras projeções de clima para a primavera dos EUA apontam para uma normalidade, com menor possibilidade de alagamentos em função de um inverno menos rigoroso.

Soma-se a isso tudo, como fator baixista, o fato de o clima estar positivo na Argentina, além de a gripe aviária estar atingindo grande parte da demanda mundial.

Na Argentina e no Paraguai a tonelada FOB fechou a semana em US\$ 186,00 e US\$ 110,00 respectivamente.

Aqui no Brasil, os preços seguem fracos, com o balcão gaúcho fechando a semana na média de R\$ 25,25/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 26,50 e R\$ 28,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 22,00/saco em Sapezal (MT) e R\$ 29,50/saco em Videira (SC).

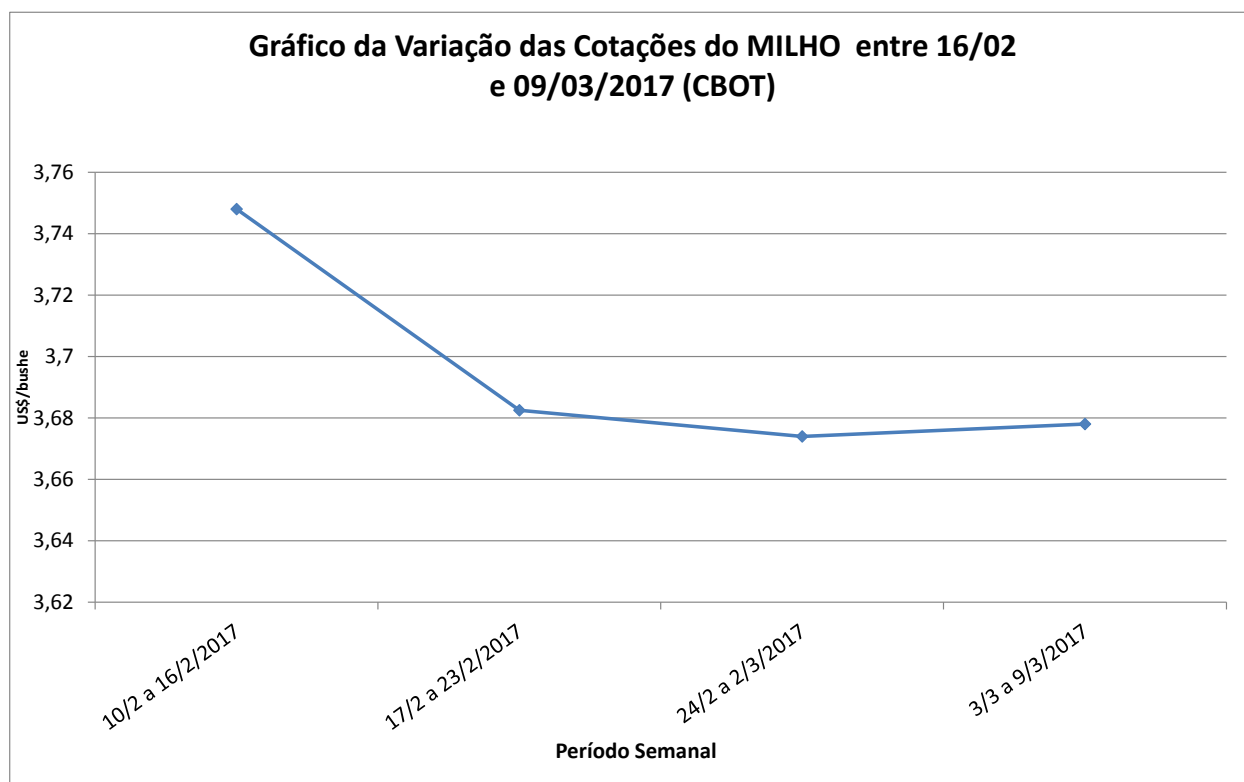
Até o dia 03/03, a colheita da safra de verão de milho no Centro-Sul brasileiro atingia a 38% do total, contra 42% um ano antes. Por estado a situação era a seguinte: Rio Grande do Sul 58% colhido; Santa Catarina 32%, Paraná 33%, São Paulo 52%, Mato Grosso do Sul 25%, Goiás/DF 30%, Minas Gerais 25%, e Mato Grosso 15% (cf. Safras & Mercado).

Quanto ao plantio da safrinha 2017, o total de área semeado chegava a 78% no Centro-Sul brasileiro, contra 86% um ano antes, sendo 94% no Mato Grosso, 76% no Paraná, 68% em Goiás, 65% no Mato Grosso do Sul, 61% em São Paulo, e 58% em Minas Gerais (cf. Safras & Mercado).

Vale destacar ainda que as exportações brasileiras de milho, em fevereiro passado, ficaram em apenas 487.400 toneladas, a um preço médio de US\$ 176,90/tonelada. Ao câmbio de hoje isso representa R\$ 33,54/saco.

Neste contexto, a tendência para os preços do milho continua sendo de manutenção nos atuais baixos níveis. Uma reação nos preços depende de um aumento nas exportações, o qual depende de uma desvalorização do Real, ou de uma quebra importante na produção da safrinha.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 16/02/2017 a 09/03/2017.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago igualmente recuaram nesta semana, com o fechamento do dia 09/03 ficando em US\$ 4,26/bushel, após US\$ 4,32 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado neste dia 09/03, pouco trouxe de novidades. Enquanto a produção passada dos EUA foi mantida, os estoques finais para 2016/17 sofreram leve correção para baixo, ficando em 30,7 milhões de toneladas. O patamar de preços ao produtor local permaneceu entre US\$ 3,60 e US\$ 3,90/bushel para o corrente ano. Já a produção mundial de trigo foi elevada para 751,1 milhões de toneladas, com os estoques finais mundiais chegando a 249,9 milhões de toneladas. A produção da Argentina está estimada em 16 milhões de toneladas e suas exportações crescem para 10,1 milhões em 2016/17. Já a produção e a importação brasileiras de trigo permaneceram em 6,7 milhões de toneladas cada uma.

O fraco desempenho das exportações de trigo por parte dos EUA ajudou a enfraquecer as cotações durante a semana, somado à valorização do dólar no mercado mundial, a qual reduz a competitividade dos produtos estadunidenses.

Por outro lado, como fator altista continuou o clima seco nas Planícies produtoras dos EUA, o qual pode reduzir a produtividade das lavouras tritícolas locais.

No Mercosul, a tonelada de trigo para exportação continuou entre US\$ 170,00 e US\$ 190,00.

Já no Brasil o quadro de preços permanece muito ruim. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 28,44/saco, enquanto os lotes seguiram entre R\$ 31,00 e R\$

32,00/saco. No Paraná, os mesmos igualmente estacionam entre R\$ 36,00 e R\$ 37,80/saco.

Os leilões realizados pelo governo apenas interromperam o processo de queda, mas não apresentam força para recuperar os preços. A tendência, portanto, segue sendo de um mercado estagnado nos atuais níveis, especialmente porque as importações, mais competitivas continuam entrando no país.

Segundo cálculos privados, para o trigo nacional voltar a ser competitivo frente ao importado, o câmbio no Brasil deve chegar a R\$ 3,30 por dólar (cf. Safras & Mercado).

Por sua vez, o novo leilão de Pepro e de Pep, nesta semana, apresentou baixa demanda. “Para o leilão de Pepro, que apresentava recursos para escoar 170.000 toneladas, houve demanda para apenas 5.200 toneladas. Já para o Pep, havia disponíveis recursos para escoar 80.000 toneladas, os quais não tiveram procura.

Pelo lado do comércio exterior, a Secex informou que o Brasil importou 482.500 toneladas de trigo em fevereiro (o segundo maior volume nos últimos cinco anos para o mês de fevereiro). Assim, neste ano comercial, já ingressaram no Brasil 4,57 milhões de toneladas de trigo. Ao mesmo tempo, o Brasil exportou pouco mais de 209.000 toneladas de trigo em fevereiro, oportunizadas pelos leilões de subvenção realizados.

Enfim, um dado positivo para o trigo gaúcho (talvez) está no fato de que no Paraná, a liquidez tende a cair ainda mais, já que houve retração do desconto do ICMS, passando este de 10% para 4%, elevando o ICMS efetivo de 2% para 8%. “Com isso, a consequência tende a ser uma queda nas compras do cereal paranaense para outros estados, até porque para manter o mesmo nível de liquidez haveria a necessidade de retrações de preços para manter a competitividade, já que esta elevação no ICMS acarretará em maiores custos no momento das compras. O principal reflexo deverá ser por parte do estado de São Paulo, grande comprador do trigo paranaense, que poderá migrar tanto para uma maior parcela de trigo importado e/ou para o cereal produzido no Rio Grande do Sul” (cf. Safras & Mercado). Todavia, não se deve esperar grandes reações nos preços gaúchos devido a este fato, pois a tendência continua sendo privilegiar o trigo importado, mais competitivo até o momento.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 16/02/2017 a 09/03/2017.

